

## ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE RIO DE JANEIRO

Função leitor do tema 5: As subjetividades contemporâneas

Texto de TERESA CRISTINA CARRETEIRO \*\*\*

Movendo-me por entre os textos lidos, fui me deixando percorrer por idéias, conceitos, palavras e noções familiares ou novas. Navegando pelos textos cujas temáticas tinham pontos de aproximação e de distanciamento ia me indagando como produzir algumas tessituras entre reflexões tão densas. Perguntava-me se isto seria possível, ou se tal tarefa não seria uma função forçada, ao invés de uma função leitora (prefiro usar a expressão no feminino), uma violência de busca de sentido ou de aprisionamento de sentidos. Neste ponto, quero afirmar que não tenho a pretensão de lhes apresentar algo amarrado, mas algumas formas argumentadas ou associativas que foram se precipitando em mim durante a construção deste exercício.

Ao longo de minha leitura uma palavra ia lentamente recebendo colorido, foi assim que fui tomada pela palavra INQUIETAÇÃO, uma espécie de desassossego que recusa o repouso e a tranqüilidade, uma insatisfação pelo que está dado e um desejo de transformar, poder ir além. Considero que os textos se constroem a partir de inquietações contemporâneas. Cada uma das autoras escreveu movida pelo seu desejo de dizer algo, tentar compreender, lançar idéias, pensar a psicanálise a partir dos novos cenários da atualidade. Mas todas tiveram muito cuidado de fazer uma genealogia das idéias e dos conceitos trabalhados. Passo agora a fazer algumas ponderações sobre os textos.

---

\*\*\* Professora titular do programa de pós-graduação de Psicologia – UFF, Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos.

Início pelo de CECÍLIA COIMBRA, “Gênero Militância e Tortura”. Cecília nos fala da história de militância dos anos 60 e 70 no Brasil, de uma história não oficial. Ela nos leva a fazer um mergulho na história de nosso país, na história dos que tiveram a coragem de gritar pela liberdade, pela democracia e que foram reprimidos, torturados, muitos desapareceram. Ela mostra como nos tempos de ditadura qualquer movimento desejante tinha como destino ser massacrado, reprimido, exterminado pelos aparelhos repressivos de Estado. Através de um texto bastante documentado e argumentado nos apresenta a produção de certas figuras do regime de exceção. É assim que surge a figura do comunista como aquele que vai ser o representante da peste. Ele é produzido para ser o receptáculo de todos os males sociais, o portador do anti-social, aquele que era tido como contra a religião, a família, a pátria. O texto de Cecília é um testemunho de resistência, de desejo de trabalhar com a vida, de apostar na potência do lutar juntos. É um texto que aposta na força de resistência. Seguindo Primo Levi, penso também que existe neste texto um DEVER DE MEMÓRIA. Poder falar e gritar sobre o que ocorreu na nossa história, é se indagar que marcas foram legadas às produções subjetivas da atualidade. Este texto nos leva a pensar em uma ética do humano onde o exercício da memória pode nos ajudar a gritar NUNCA MAIS, impedindo através de lutas e da solidariedade cotidianas repudiar qualquer forma de barbárie. A memória, enquanto presente dos fatos passados, nos possibilita trabalhar em uma posição que caminhe para o não recalque.

O texto de NIZIA VILLAÇA, “ Marcas da subjetividade e processos de subjetivação”, constrói uma relação de proximidade entre dois fenômenos presentes de modo intenso na atualidade: a crueldade e o luxo. Estes se fazem atuantes nos processos

contemporâneos de subjetivação e são considerados como formas estratégicas de distinção e de hierarquização, em um mundo onde impera a massificação, o anonimato e a coisificação. Deste modo Nilza nos diz: “ quando não se pode responder com sucesso aos apelos performáticos, quando a produção do bem-estar social decresce e a busca do lucro floresce, surge em uma ponta o recurso as drogas, o refugio no espaço privado, a ênfase no virtual .....e, na outra o recurso a violência e mesmo a crueldade em suas versões hard/sangrenta e soft/luxuosa”. Nizia no seu trabalho vai nos mostrando a relação entre crueldade e luxo através de textos científicos, romances, obras literárias e cinematográficas. Se no texto de Cecília considero que o apelo era o de recuperar o dever de memória, o de Nizia nos sugere que nos espantemos com a cultura da coisificação, que produz subjetivas que vivem a insensibilidade ou que se hiper sensibilizam ao fazer do outro um objeto de mero consumo.

Já CRISTINA RAUTER no seu texto “ Produção social do negativo: Notas introdutórias” vai trabalhar também o negativo na contemporaneidade. Cristina discute alguns textos freudianos estabelecendo entre eles confrontações com as concepções de Deleuze, Guatari e Espinoza. Uma questão vai percorrer grande parte do estudo. E assim que Cristina nos diz “se considerarmos a existência de uma tendência destrutiva básica no psiquismo, teremos razões de sobra para pensar na disseminação da violência”.

A dualidade pulsional freudiana é criticada e indaga-se se não seria possível pensar um campo pulsional afirmando-se sua pura positividade. Seguindo Deleuze Cristina nos lembra que isto não equivaleria dizer que só existe o bem, mas que o ser esta além do bem e do mal. Nesta concepção a emergência do negativo é concebida não como um indício do descaminho “na base”, mas como um descaminho na própria produção

desejante. Cristina enfatiza não ser necessário se postular uma pulsão de morte ou qualquer outra tendência constitucional para se compreender a grande produção social do negativo visto que o capitalismo como produção social já é capaz de engendrar o negativo.

O texto da autora é muito rico, mas a restrição do tempo não nos permite poder percorre-lo mais longa. Infelizmente não podemos nos deter na discussão que faz sobre os adolescentes ditos em conflito com a lei, quando debate a centração sobre as questões da lei e as tecnologias psicopedagógicas, pensadas unicamente em termos de punição, de limites, onde as regras impostas de formas coercitivas serão geradoras de destrutividade. A discussão apontada por Cristina Rauter é de extrema atualidade. Ela recoloca questões que continuam sendo debatidas no campo psicanalítico sobre as postulações das pulsões.

No entanto uma questão urge: seria a postulação do campo pulsional freudiano que levaria a construção de situações mortíferas? Ou haveria formas de poder se postular um campo pulsional na psicanálise e, ao mesmo tempo, poder se apostar em uma ética da humanização, que se apóia na consideração, no respeito e na responsabilidade pelo outro. Estas são questões abertas que o texto de Cristina Rauter me levou a refletir.

Passemos agora a um conjunto de artigos que fará referencia a concepções mutantes da maternidade e de novas formas de conjugalidade.

O artigo de MARIA LÍDIA DE NORONHA PESSOA, “Maternidade e seus matizes subjetivos construídos na escrita literária infantil contemporânea” , aborda a interpretação de oito histórias infantis brasileiras que têm como temática a maternidade. Após discutir e analisar, a partir da abordagem psicanalítica de recepção do texto

literário, cada uma das histórias a autora conclui que as concepções de maternidade na literatura infantil evoluíram entre as décadas de 70 e 90. Existem mudanças nas representações das histórias principalmente no que tange a distanciação entre esposa e mãe. Neste sentido a mulher mãe deixa de ser associada simplesmente ao espaço familiar, distanciando-se da função unicamente materna. A mulher, passa a ter mais possibilidade de ser apresentada, na literatura infantil, como um sujeito de desejo. Estas representações estão vinculadas a mudanças culturais no seio da sociedade brasileira, o que leva a autora a inferir sobre novas problemáticas entre pais e filhos. Lançando esta questão o texto de Maria Lídia possibilita fazer a passagem para os demais que vão se referir às novas formas de conjugalidade e de vivência da sexualidade e, conseqüentemente, dos laços sociais. Quatro textos vão abordar questões em torno destas problemáticas.

Iniciemos com o texto de ANA MARIA SIGAL “ A psicanálise e o feminino e a sua relação com as novas técnicas de fertilização assistida”. A autora entremeia uma perspectiva teórica com sua experiência clínica para discutir a fertilização assistida. O texto é muito rico e enfoca uma série de questões de extrema pertinência:

Critica a concepção médica que reduz a mulher, que se submete à fertilização, a um corpo biológico. A autora diz:” Ao se negar as injunções inconscientes e fantasmáticas, impossibilita se de pensar que estas mesmas injunções têm influencia no destino da gravidez”.

Destaca também como o avanço da tecno-ciência esta mudando as formas de conceber a maternidade. ANA MARIA considera que “hoje se pode escolher diversos caminhos para a maternidade, dissociados das formas em que se produz a fecundação: inseminação

artificial, fecundação in vitro, com óvulos e espermatozoides do casal, doação de espermatozoides”. Neste ponto faço uma ressalva. Ao pensarmos, no contexto brasileiro, em formas de se escolher a maternidade estamos fazendo uma afirmação voltada para certas categorias sociais, ou seja, a das mulheres que têm recursos escolher a maternidade. Mas isto não me impede de concordar com a autora e pensar que existem na atualidade diferentes formas de se imaginar a concepção e a maternidade. Isto é gerador de incertezas, pois novos modelos de transmissão de linhagem estão surgindo. ANA MARIA considera que a “ a organização da lei do parentesco, linhagem e filiação, por serem organizações simbólicas, podem operar tanto nos casos de reprodução por fecundação com coito ou in vitro”. Outra questão colocada poderia ser assim expressa: a técnico-ciência estaria sempre sendo mobilizada por uma recusa da castração como sugerem alguns autores?

Todas estas indagações que se sobressaem do trabalho de ANA MARIA SIGAL, atestam que vivemos na atualidade um momento de extrema mudança no que se refere às novas formas de formulações maternas, paternas e de construções familiares. Parece-me que a psicanálise tem neste momento uma grande questão: a de poder resistir ao desejo de criar novos modelos e propor novas conceptualizações. Caberia a psicanálise poder escutar a multiplicidade de funções e modelos (sempre provisórios) que vão se produzindo. Penso que a psicanálise, mais do que nunca, é convocada a escutar o sujeito individual e/ ou coletivo e os novos laços que vão sendo forjados.

Os dois próximos textos vão tratar de questões sobre as sexualidades na contemporaneidade. Passo ao de MÁRCIA ARAN, “Homossexualidades e modos de vidas. A psicanálise e as novas formas de conjugalidade”. Marcia aponta algumas mudanças, bastantes significativas, ocorridas nas últimas décadas tais como a crise da

família nuclear, a maior participação da mulher no mercado de trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução e as políticas de visibilidade da homossexualidade. Seu texto acompanha as transformações sofridas tanto no âmbito jurídico, como no social. As conseqüências de tal processo se apresentam nas formas de tolerância à homossexualidade, mas tal tolerância fica restrita ao âmbito privado, devendo ser mantida na **invisibilidade**, o que faz reforçar o modelo da tríade heterossexualidade-casamento-filiação. Este modelo deve se manter como a única referencia visível, quase naturalizada. Márcia Aran sublinha que a visibilidade e o aprofundamento destas questões são os modos de se pensar novas formas de laços sociais. Ela mostra como estas reflexões permitem questionar o modelo psicanalítico da diferença sexual, que se apóia na hierarquia sexual, enfatizando a sexualidade heterossexual reprodutora, que se sustenta em pares de oposições masculino/feminino, natureza cultura, simbólico e real. O texto de Márcia, mais uma vez no remete a um tempo de transição onde muitos modelos estão em crise, nos deixarmos afetar por esta crise é estarmos atentos as micro-oscilações sócio-políticas e clinicas, tarefa que não podemos nos furtar no nosso oficio psicanalítico, seja na clínica no social, na clinica nas instituições ou na clínica nos consultórios.

O próximo texto continua interrogando as novas formas de parcerias afetivas, ele é escrito por GLORIA SEDDON, “A namorada tem namorada: clinica psicanalítica do sujeito contemporâneo”. Gloria constata, através de sua clinica que um grande número de mulheres tornou-se homossexual. Parte da argumentação da autora apóia-se, no declínio da imago paterna, o que levará a uma feminização da psicanálise, remetendo a uma valorização do conceito de feminilidade e do gozo feminino.

O ultimo texto é o de ANA LILÁ LEJARRAGA “ Sobre a ternura, noção esquecida”. A autora propõe conceber a ternura de forma positivada e não unicamente com inibição de um alvo sexual. Sugere que a ternura remete a possibilidade de refletir o mal-estar amoroso nos nossos dias. Diagnostica a contemporaneidade com uma hiperinflação da sexualidade e da diminuição de laços afetivos. O texto de ANA LILA me fez associar ao que considero ser a cristalização de novas formas de relações. Neste sentido penso no “ficar com” (cabe talvez aqui explicar aos estrangeiros presentes o que significa esta expressão brasileira : é estar com um parceiro ou uma parceira em uma relação erotizada ou sexualizada sem que se tenha compromisso com a continuidade da relação. o compromisso é unicamente com o momento presente. neste sentido quando se fica por mais de uma vez com um parceiro se diz, fulano ou fulana é o meu ficante ou a minha ficante). O “ficar com” tornou-se um modelo, crivado de normas que vão privilegiar o erotismo, as sensações e diminuir ou quase ignorar qualquer forma de responsabilidade e interesse para com o ficante do momento. Pode-se pensar o “ficar com” como um analisador da contemporaneidade. Neste contexto, que recuperar a ternura é positivar uma resistência, é se afastar de uma lógica de coisificação do outro e ter a coragem de construir outras formas de relação.

Para concluir eu diria que se retomarmos a INQUIETAÇÃO que eu me referia no inicio, recuperar a ternura é se inquietar pela vida, não só por algumas vidas, a vida dos que são próximos ou quase-iguais a nós. Recuperar a ternura é apostar de forma ativa na ÉTICA DA HUMANIZAÇÃO.